

SELEÇÃO DAS PRÁTICAS ENERGÉTICAS PARA APLICAÇÃO EM SALA DE AULA (ENERGOSSOMATICOLOGIA)

Selection Of Energetic Practices to be Applied in Classroom (Energosomatology)

Marghê Vasconcellos

RESUMO. O principal objetivo deste artigo é ajudar o docente na escolha da prática energética a ser aplicada em sala de aula, de modo que esteja sintonizada com a parte teórica e o desenrolar das discussões com os alunos. A metodologia utilizada foi a observação individual e grupal com posterior registro das parapercepções. Teve seu embasamento na experiência docente da autora, enquanto professora de Conscienciologia há mais de uma década e também como Orientadora Parapedagógica há mais de cinco anos. Outro ponto que muito contribuiu foi a participação contínua em Dinâmicas Parapsíquicas desde 2004. A Dinâmica Energossomática, devido à sua flexibilidade para aplicação de técnicas escolhidas pelos participantes, foi um bom campo de observação parapsíquica. Outra Dinâmica que muito contribuiu foi a do Arco Voltaico. A prática da Tenepes, vivenciada há muitos anos, também ajudou a dar mais confiança e entendimento às parapercepções pessoais.

Palavras-chave: docência, aula de conscienciologia, prática energética.

ABSTRACT. The main aim of this article is to help the teacher choose the energetic practice to be applied in classroom, so that it is in tune with the theoretical part of the class and the discussions with the students. The methodology used was based on individual and group observation with subsequent recording of the paraperceptions. It is founded on the author's Conscientiology teaching experience of more than 10 years and also as a Parapedagogical Tutor for over 5 years. Another important aspect which contributes a lot has been the continuous participation in Parapsychic Dynamics since 2004. Due to the flexibility in the application of energetic techniques chosen by the students, the Energosomatic Dynamics was a good field of parapsychic observation, as well as the Voltaic Arc dynamics. The practice of Penta for many years has also played an important role giving more confidence and understanding of the personal paraperceptions.

Keywords: teaching, conscientiology classes, energetic practice.

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu da necessidade de se publicar pela *Reaprendentia*, uma Instituição para Formação e Qualificação de Docentes em Conscienciologia, artigos que ajudem os professorandos na preparação de suas aulas de Conscienciologia, tomando-se como referência a experiência dos Orientadores Parapedagógicos que atuam nesta Instituição Conscienciocêntrica (IC). A redação desse tipo de artigos foi assunto levantado em uma reunião de Orientadores Parapedagógicos, numa tentativa de se melhorar e qualificar a formação docente em Conscienciologia.

Sendo assim, esta autora decidiu trazer este tema em função de ter observado a dificuldade que alguns professorandos têm em escolher práticas energéticas a serem aplicadas ao final de suas aulas de Conscienciologia, de modo que estivessem em sintonia com o conteúdo teórico abordado e também com as colocações, levantamentos de ideias e evocações feitas durante a aula pelos alunos e docentes.

Todo o trabalho teve seu embasamento na experiência da autora, enquanto professora de Conscienciologia há mais de uma década e também como Orientadora Parapedagógica há mais de cinco anos. Outro ponto que muito contribuiu foi a participação contínua em Dinâmicas Parapsíquicas desde 2004 (como aluna e também como monitora). A Dinâmica Energossomática¹, da qual fez parte durante cerca de três anos, foi um bom campo de observação parapsíquica devido à sua flexibilidade para escolha e aplicação de técnicas pelos próprios participantes. Outra Dinâmica que muito contribuiu foi a do Arco Voltaico², na qual foi bastante percebida a importância dos chacras durante a assistência. A prática da Tenepes, há quase uma década, também ajudou a dar mais confiança e entendimento às parapercepções pessoais.

A metodologia utilizada foi a observação individual e grupal das repercussões ocorridas nos participantes e nos campos energéticos de sala de aula e das Dinâmicas Parapsíquicas, com posterior registro de muitas dessas parapercepções e vivências. Em alguns casos houve comprovações imediatas ou posteriores às observações; em outros houve coincidências paraperceptivas de dois ou mais participantes no campo e que foram relatadas após o experimento; e por último as situações que não houve a possibilidade de checagem, havendo registro apenas da parapercepção pessoal.

A fundamentação, tanto teórica quanto prática, está assentada no paradigma consciencial utilizado pela neociência Conscienciologia. Essas anotações pessoais realizadas após as vivências, permitiram, com o tempo, o levantamento e verificação de algumas hipóteses.

As colocações trazidas no texto visam à otimização do trabalho do futuro docente e não à sua limitação. Não se tratam de verdades absolutas e sim de sugestões – diretrizes para atuação docente, podendo o professorando, ou mesmo o professor, utilizar metodologia diferenciada de

1. Dinâmica Parapsíquica Energossomática: atividade desenvolvida em grupo visando ao aprimoramento da interassistência e do parapsiquismo pessoal, realizada pelo Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia – IIPC.

2. Dinâmicas Parapsíquica do Arco Voltaico: atividade desenvolvida em grupo visando ao aprimoramento da interassistência e do parapsiquismo pessoal, realizada pelo Centro de Altos Estudos da Conscienciologia – CEAEC.

acordo com a própria experiência. Aqui, abordaremos a aula com ênfase na atuação e auto-percepção energética com destaque para os chacras.

A sequência foi colocada de modo que se realize um raciocínio passo a passo que envolve desde a preparação de uma aula em Conscienciologia até o fechamento da mesma. A prática energética da aula deve permitir a higienização e melhoria da qualidade do campo ali instalado e a assistência às consciências – intrafísicas (conscins) e extrafísicas (consciexes) – envolvidas. A sequência escolhida para desenvolvimento do artigo foi a seguinte:

1. Energossoma e interassistência
2. Assistência realizada através da tares.
3. Escolha do tema da aula e percepção parapsíquica do campo e das consciexes evocadas durante a preparação da mesma (pré-aula).
4. Escolha da prática energética a ser aplicada no final da aula, em sintonia com o tema e o campo instalado na pré-aula.
5. Realização da aula, evocações e seu desenvolvimento.
6. Parapercepções do professor.
7. Possíveis variações da parte energética programada na pré-aula.
8. Aplicação da parte energética.

DESENVOLVIMENTO

1. Energossoma e Interassistência

Em um trabalho assistencial multidimensional, é importante que se tenha conhecimento dos chacras – nossos canais de comunicação multidimensional, elementos energéticos de ligação entre psicossoma e soma, que funcionam também como mecanismos de acoplamento consciencial – entre conscins, consciexes, seres em geral, objetos e o meio com o qual se está inserido.

Desse modo, ao acontecer um acoplamento energético, ou uma assimilação energética (assim), entre uma conscin e uma consciex, ou entre conscins, os chacras podem ser elementos acusadores dos processos ali manifestos, sejam positivos ou negativos. Eles podem indicar se existem problemas ou não, percebidos através da leitura energética, tal qual uma sinalética, incluindo sinais e sensações agradáveis ou desagradáveis nesses chacras. Somam-se a isso informações via sentimentos e ideias, intuitivas e / ou telepáticas, que podem acompanhar essas sensações esclarecendo ainda mais a percepção energética sobre as consciências envolvidas.

O nível dessa parapercepção é uma variável que dependerá do gabarito parapsíquico pessoal, desbloqueio energético dos chacras, experiência prévia para saber detectar com mais confiança, abertura e acessibilidade de quem percebe, podendo variar de um dia para outro, ou de um momento para outro.

O padrão da energia relaciona-se com o chacra através do qual se manifesta. O chacra tem ligação direta com os órgãos somáticos aos quais está associado e também com características que podem representar padrões de sentimento, pensamento e comportamento.

Cabe ao professorando entender sobre energossoma para que possa elaborar melhor a parte prática da sua aula em sintonia com o tema abordado, utilizando-se dos chacras para ajudar nas suas parapercepções dos campos pré, durante e pós-aula com foco na realização da interassistência consciencial.

2. Assistência Realizada através da tares

Para realizarmos a tarefa do esclarecimento (tares), em muitas situações realizamos a tarefa da consolação (tacon) previamente. Entretanto, para o professor de Conscienciologia interessa mais fazer a assistência que trará esclarecimento ao aluno e o ajudará a andar sozinho, se libertando das amarras que ele mesmo mantém de modo consciente ou inconsciente, ou seja, ir direto para a tares.

Ao buscar entender os mecanismos que o aluno utiliza e a dinâmica multidimensional da aula, o professor terá que lidar com as consciexes envolvidas – que podem estar interferindo na atuação desse aluno. Os padrões pensênicos mantidos é que atraem como companhia tais consciexes, pelo mecanismo da afinidade. Ao perceber outras maneiras mais adequadas de funcionamento mental, o aluno poderá fazer sua reciclagem intraconsciencial. Isso irá mexer de algum modo com essas companhias próximas a ele que não queiram mudar. É como se elas insinuassem: para que mexer? Para que fazer a reciclagem? Para que mudar de patamar?

Ao tomar uma atitude de fazer o aluno pensar e ao evocar situações pessoais ou de outrem para exemplificar, o professor pode trazer para o seu campo consciências que necessitarão de assistência e que ao final da aula poderão ser encaminhadas dentro do trinômio *acolhimento-orientação-encaminhamento*.

A parte prática da aula é um momento propício para ajudar nesses encaminhamentos realizados pelos amparadores. A técnica energética deve visar à facilitação da assistência às consciências ali envolvidas, atuando de modo mais preciso no ponto (chakra) em que foi mexido, para ocorrer a mudança ou reciclagem dessas consciências. Ao ajudar o aluno a trabalhar com suas energias, ele fará parte desse campo energético atuando na dinâmica da interassistência grupal ali promovida em prol da higidez holossomática de todos.

3. Escolha do tema da aula e percepção parapsíquica do campo e das consciexes evocadas durante a preparação (pré-aula)

A escolha do tema da aula varia de acordo com o objetivo que se pretende: palestra; curso institucional; aula sobre um tema de pesquisa pessoal (curso pessoal); oficina; debate; dentre outros.

Alguns desses não utilizam práticas energéticas em função da conveniência e da congruência com esses objetivos.

Entretanto, todo curso deve ser previamente preparado pelo docente ou professorando, buscando organizar ideias, relembrar tópicos, preparar o material a ser utilizado na aula, conectar-se com a equipe extrafísica de amparadores (equipex) e também com conscins e consciexes que estarão presentes no mesmo. Muitas percepções e *insights* são acessados previamente, permitindo algumas assistências antecipadas e previsão de abordagens.

Nessa hora, a escolha da prática energética deve estar em sintonia com as evocações temáticas que serão feitas e, de acordo com o desenrolar da aula, podem sofrer alguma modificação em função da demanda levantada na mesma.

4. Escolha da prática energética a ser aplicada no final da aula, em sintonia com o tema e o campo instalado na pré-aula

A prática energética é sempre uma oportunidade para o aluno ter uma vivência extrafísica através do campo bioenergético instalado e também para encaminhamento das consciências que foram trazidas ou evocadas nesse campo e que necessitam ser assistidas para finalização do trabalho.

Sendo assim, existe uma correlação entre o tema trabalhado e o tipo de exercício energético que é mais compatível com esse tema e evocações que são feitas ao longo da aula. Para exemplificar, vamos trazer alguns aspectos:

- Evocar serenão na parte prática, sem ter feito menção teórica a ele, pode ter a mesma conotação de “evocar Deus para pedir bênçãos”. Costuma refletir uma postura religiosa do docente. Perde o sentido prático que é o de conectar o aluno ao seu processo pessoal, ao autocontrole e à sua responsabilidade para com o domínio das energias. É quase um convite à dispersão e ao devaneio. É importante que o aluno perceba o ponto que o conectou com determinadas consciências e que trabalhe nisso. Assim aprenderá a fazer o auto-desassédio e a ter autonomia, ao invés de simplesmente “chamar os serenões” para limpar o campo.
- Nada contra a evocação das consciências mais evoluídas para nos ajudar a ampliar nossa lucidez. Só que isso deve ser feito com critério, principalmente se for usado como técnica em sala de aula. O professor deverá pensar sobre o que quer alcançar com determinada técnica, qual é o seu papel ali e ser membro ativo da equipe de trabalho, procurando se manter conectado com a equipex – atuando mais ombro a ombro, ajudando a sustentar o campo através do domínio energético pessoal e ficando atento aos *insights* recebidos no momento.
- Numa aula de mentalsoma, devem-se evitar práticas energéticas que trabalhem com o umbilicochakra ou cardiochakra, por exemplo. Não tem muita correlação com o tema. Os exercícios energéticos devem contribuir para a ampliação da lucidez.
- Na aula de serenão, devem-se utilizar técnicas que ajudem o aluno a expandir ideias, sentimentos e o próprio campo energético para sentir e conectar-se a essas consciências mais evoluídas.
- Sugerir conexão com Centrais Extrafísicas é algo interessante, mas se não tiver um *link* de conexão maior, também se perde o sentido e pode gerar dispersão. Numa aula de bioenergias, por exemplo, evocar o holopensene da Central Extrafísica de Energias pode ajudar a pessoa a expandir e potencializar suas energias, o que seria adequado. Por outro lado, buscar conectar-se à Central Extrafísica da Verdade, nessa mesma aula, pode não ter muita relação.
- Quando trabalhar muito o processo do umbilicochakra e do cardiochakra no decorrer da aula, ao tratar de assuntos que envolvam o aspecto emocional exacerbado por exemplo, é bom movimentar as energias nesses chacras na parte prática para ajudar a soltá-las

e desbloqueá-las nessa região. E, nesse caso, pode ser importante fechar a prática com exercícios que ampliem a lucidez, colocando um pouco do padrão de energia do fronto e coronochakra nos exercícios.

- Se o professor perceber que na turma há muitos alunos que parecem ser mais travados ou bloqueados parapsiquicamente, talvez valha a pena dar enfoque a exercícios de soltura do energossoma para depois entrar com outras práticas. Isso favoreceria a descoincidência e até o desbloqueio. Por exemplo: movimentar o energossoma em várias direções (para cima, para baixo, para a direita e depois esquerda, para frente e para trás) ou fazer pulsar os chacras, um a um, são formas de ajudar nessa soltura.
- Para intensificar a percepção dos fenômenos parapsíquicos é importante ativar bem o frontochakra e o coronochakra. O frontochakra ajuda a ampliar as parapercepções e o coronochakra pode melhorar o discernimento e a lucidez na avaliação dos fenômenos (VIEIRA, 2009, p.302-304).
- Cabe ao professor, através da sua percepção energética e conexão com a equipex, verificar se após ter aplicado os exercícios energéticos pré-definidos, ainda será necessário aplicar mais algum (ns) exercício(s) específico(s) visando o restabelecimento da condição de homeostase de todos os participantes e melhoria da qualidade do campo. De modo análogo, o tempo destinado à aplicação de cada exercício também deve ser percebido pelo professor.

5. Realização da aula, evocações e seu desenvolvimento

De acordo com o desenrolar da aula, os assuntos trazidos, as polêmicas geradas e a assistência prestada, o professor terá uma ideia dos elementos envolvidos ali. Isso pode servir de indicador para complementar o exercício energético proposto para a parte prática. Seguem alguns exemplos:

1. Mexeu muito com o processo de grupo? Pode ser que o cardiochakra¹ requeira uma atenção maior;
2. Numa aula de mentalsoma em que foi salientada a questão emocional, uma sugestão seria fazer um circuito fechado corono-cardiochakra e posteriormente o circuito corono-frontochakra. Após esse início, entraria em práticas que trabalhem com o mentalsoma propriamente dito.
3. Trabalhou muito com questões mais instintivas que vão ajudar o aluno a sair do seu comodismo? O umbilicochakra² pode ser o chakra que vai demandar mais atenção ali.
4. Mexeu com processo de sedução e instintividade? Trabalhe um pouco com as energias do sexochakra³ e do umbilicochakra. O circuito vertical começando pelos plantochacas, passando por todos os chacras num movimento ascendente e liberando as energias pelo coronochakra é um tipo de exercício que pode ajudar nesse caso.
5. Se perceber ansiedade nos alunos, ou algum comportamento que dificulte o relaxamento, trabalhar um pouco a respiração no início, para deixar a pessoa mais relaxada e conectada ao experimento.

Fazer a seguinte reflexão em relação a todo o grupo: quais foram os assuntos que demandaram mais atenção durante a aula? Isso pode ser uma dica sobre quais chacras merecerão mais atenção na parte prática.

6. Parapercepções do professor

É difícil afirmarmos que exista uma percepção totalmente certa ou totalmente errada, pois cada pessoa tem um modo de ser, perceber e lidar com a realidade. É importante considerar o ângulo de visão pessoal do docente e isso tem relação com a singularidade de cada um de nós. Existem níveis de parapercepção muito próximos da realidade e outros bastantes distorcidos, distanciando significativamente do real.

Para o professor que estiver bem conectado com a equipex de amparadores, alguma informação relevante ele tenderá a captar sobre o contexto de sua aula, pois essas informações podem estar gravitantes ou impregnadas no campo parapedagógico. Os campos multidimensionais gerados em sala de aula são propícios para que isso aconteça. A energia do campo em geral têm o padrão dos assuntos trabalhados em aula.

Com a experiência, decodificar essas informações será tarefa mais fácil para o professor. Para tal, deverá investir no seu domínio energético e procurar praticar atividades que auxiliem no aumento das suas parapercepções, conexão com amparadores e reciclagens intraconscienciais.

Outro ponto importante é buscar ampliar o conhecimento do assunto que irá tratar em sala de aula de modo teático, ou seja, tendo suas experiências pessoais. A dedicação do professor e a manutenção de uma intenção qualificada permitirão uma conexão mais fácil com a equipex do trabalho e um maior domínio do campo que ajudou a instalar.

7. Possíveis variações da parte energética programada na pré-aula

Existem cursos institucionais cujos temas das aulas e práticas energéticas já vêm pré-definidos para o professor. Nesse caso, a conexão do professor é para verificar quais assuntos não poderão deixar de abordar e o momento de abordá-los.

Na hora da prática energética, deve ficar atento quanto ao tempo de aplicação da técnica sugerida a partir das parapercepções pessoais, relacionadas à assistência, melhoria da qualidade e fechamento do campo.

Qualquer alteração que queira fazer na parte prática, aplicando / realizando outros exercícios, só deverá ser levada adiante se o professor tiver boa experiência, certeza da necessidade de mudança e muita segurança quanto à essa questão naquele momento. Só deve ousar quem tiver confiança na competência pessoal”.

Quando o professor estiver dando um curso pessoal, a mudança em alguma atividade ou parte do curso fica a critério dele mesmo.

8. Aplicação da parte energética

A sustentação do campo energético é de responsabilidade do professor que estiver aplicando a parte prática. Ele é o pilar, o epicentro do trabalho. Isso não significa que ele seja o único a doar energias para compor e manter o campo instalado, mas é o responsável por direcionar os trabalhos e dar o melhor de si, doar ao máximo as suas energias, ser o mantenedor-mor do que estiver sendo realizado naquele momento.

Para que isso ocorra, ele deve ter confiança no trabalho que realiza, no amparo de função presente e na técnica energética que aplica, sabendo que a técnica escolhida será capaz de surtir os efeitos almejados.

Nada impede, contudo, que o professor vivencie alguns contratempos em sua aula, o que só ajuda a ressaltar o que necessita melhorar na sua teática docente. Alguns fatores dificultadores podem ocorrer, a exemplo desses 8:

1. Falta de domínio energético do professor.
2. Falta de experiência do professor.
3. Falta de posicionamento do professor para o desassédio.
4. Baixa autoconfiança do professor.
5. Intencionalidade duvidosa (egóica, antiassistencial, ...) do professor.
6. Soma do professor comprometido por motivos diversos (cansaço, fome, mal-estar, noite mal dormida, ...).
7. Energossoma do professor comprometido por motivos diversos (dificuldade de desassim, bloqueios, ...).
8. Escolha inadequada da técnica a ser aplicada.

Saber o que evitar é importante para investir no que se deve melhorar.

Por outro lado, o fato de existirem doadores potentes e / ou experientes no campo, ajudando a compô-lo de modo lúcido, pode diminuir a sobrecarga no professor e predispor maior equalização do trabalho. Isso inclusive pode potencializar o nível da assistência a ser realizada, favorecendo desassédios mais pesados e ostensivos, pois a equipex de amparadores sabe do potencial daquele grupo.

Cabe ao professor buscar essa atenção e domínio do campo a todo tempo, não apenas na parte prática, mas antes e durante toda a aula, pois o campo parapedagógico permeia toda a práxis parapedagógica, é multidimensional e sua manutenção é de responsabilidade do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dos exercícios energéticos é sempre bom checar se todos estão bem e se alguém quer comentar alguma vivência. As opiniões finais sempre ajudam o professor a ter uma visão geral do trabalho que realizou sob a ótica do aluno, o que contribui para o seu aprimoramento.

A escolha correta da prática energética a ser utilizada em aula pode influenciar na qualidade da assistência e favorecer a desassimilação energética (desassim) mais rapidamente.

Muitos professores, mesmo sendo veteranos, ainda têm dificuldades em perceber as variáveis de um campo energético, pois não dedicam tempo suficiente à análise das ocorrências energéticas e parapsíquicas após as vivências, seja em sala de aula ou no dia a dia.

A falta de dedicação ao aprimoramento pessoal também interfere nas parapercepções. A única forma de melhorarmos é o investimento pessoal que fazemos em nós, procurando adquirir mais experiência e participando de atividades individuais e grupais que favoreçam o desenvolvimento parapsíquico e interação com equipexes de amparadores.

Mesmo que o professor seja uma potência, tenha alto domínio das energias, dos campos energéticos e seja um especialista em assistência interconscencial, ainda assim o ideal é que se utilize de técnicas que ajudem o aluno na compreensão das próprias energias e da correlação com os seus padrões pensênicos.

Usar o princípio da coerência do tema versus prática energética na hora de escolher a prática tem relação com os objetivos que se quer alcançar com o trabalho realizado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

VIEIRA, Waldo. **Projeiologia**: panorama das experiências da consciência fora do corpo humano. 10 ed. Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CONSULTADAS

KARAGULLA, Shafica; KUNZ, Dora van Gelder. **Os chakras e os campos de energia humanos**. 5 ed. São Paulo: Ed. Pensamento Ltda., 2004.

MOTOYAMA, Hiroshi. **Teoria dos chacras**: ponte para a consciência superior. 5 ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2001.

Marghê Vasconcellos é acadêmica do curso de Psicologia, voluntária da Conscienciologia desde 1999, docente de Conscienciologia desde 2001, Orientadora Parapedagógica desde 2005, praticante da técnica da Tenepes desde 2002. Atualmente exerce suas atividades de voluntariado na *Reaprendentia* e no CEAEC. E-mail para contato: marghevasconcellos@gmail.com